

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DO ABUSO SEXUAL INFANTIL, APEGO
E ESTILOS PARENTAIS**

ISADORA KLAMT DA CONCEIÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Porto Alegre
Janeiro, 2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DO ABUSO SEXUAL INFANTIL, APEGO
E ESTILOS PARENTAIS**

ISADORA KLAMT DA CONCEIÇÃO

ORIENTADOR(A): Prof^ª. Dra ADRIANE XAVIER ARTECHE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Cognição Humana.

**Porto Alegre
Janeiro, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DO ABUSO SEXUAL INFANTIL, APEGO
E ESTILOS PARENTAIS**

ISADORA KLAMT DA CONCEIÇÃO

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª. Dra ADRIANE XAVIER ARTECHE

Prof^ª. Dra DANIELA CENTENARO LEVANDOWSKI

Prof^ª. Dra SIMONE DOS SANTOS PALUDO

Porto Alegre

Janeiro, 2014

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais...

À minha mãe que me ajudou financeiramente nos primeiros quatro meses do mestrado, em que ainda não tinha conseguido bolsa. Muito obrigada por ter me incentivado e pelo apoio financeiro, juntamente com meu pai. Obrigada também por todo apoio e amor.

Ao meu pai que sempre me ajuda em todos os sentidos, pelas palavras de incentivo, pelo otimismo, pela paciência, pelo exemplo de profissional, pelo apoio e amor.

À minha orientadora professora Dra. Adriane Xavier Arteché por ter me orientado de forma excepcional, por todo conhecimento, ajuda e dedicação.

À CAPES, pela ajuda financeiro no desenvolvimento desta pesquisa.

À equipe de iniciação científica do grupo de pesquisa Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade por toda ajuda. Inclusive a Angela que sempre se mostrou disponível para ajudar nesse trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela competência em que exercem seu trabalho.

À secretaria do PPGP-PUCRS. Em especial Alex e Camila, pela disponibilidade, vontade de ajudar e simpatia.

Aos colegas do mestrado: Adriana, Sabrina, Paula, Lauren, Victoria e Alejandro pelo companheirismo e cumplicidade. Também pelas risadas e momentos de descontração.

Obrigada aos meus irmãos que sempre estão na torcida. Ao Alberto, pela presença tranquila. Ao Neto pela sensibilidade e compreensão que demonstra nos momentos que preciso.

Obrigada as minhas amigas e amigos que compreenderam meus momentos de ausência e que fazem a minha vida muito mais rica e feliz.

À Gabriela e Magda pelo incentivo, conversas acolhedoras e por acreditarem tanto em mim.

Ao colega de consultório Tarcio pela ajuda no primeiro ano do mestrado.

Obrigada à banca examinadora que se dispôs a contribuir com esse trabalho.

Obrigada também à enriquecedora experiência do mestrado, por todo aprendizado técnico e vivencial, que contribuiu em muito com a minha formação como profissional e ser humano.

RESUMO

O abuso sexual infantil é uma das mais recorrentes formas de mau trato, sendo um grave problema em saúde pública. Sabe-se a importância das relações familiares nessa temática. Entretanto, faltam estudos que tratem sobre as especificidades dos aspectos que perpassam as gerações de crianças abusadas. Nesse contexto, o objetivo do estudo foi verificar a transmissão intergeracional do abuso sexual infantil. Para isso, foram realizados dois estudos, um teórico e outro empírico. O estudo teórico realiza uma revisão sistemática sobre a prevalência da transmissão intergeracional do abuso sexual. Foram encontrados dados sobre o aumento da transmissão intergeracional em diferentes gerações de familiares. A média da prevalência da transmissão intergeracional do abuso sexual nas gerações foi de: 42,47% na geração das avós (G1); 41,28% na geração das mães (G2) e 51,0% na geração das crianças. O estudo empírico, por sua vez, examinou a relação entre o tipo de apego e estilo parental e a sua relação com a transmissão intergeracional do abuso sexual infantil. Para isso foi realizada uma pesquisa quantitativa com delineamento transversal com três diferentes grupos de meninas e suas mães: meninas que sofreram abuso sexual; meninas que sofreram maus tratos e meninas que estão passando por sintomas clínicos. Os resultados não confirmaram a transmissão intergeracional dos tipos de apego, nem do estilo parental entre as diferentes gerações. Do mesmo modo, diferente do esperado, as meninas abusadas não reportaram mais apego inseguro ou estilo parental deficitário. No entanto, duas associações foram encontradas como concordantes com o modelo da transmissão intergeracional do abuso sexual infantil: o tipo de apego materno e o fato dos pais serem separados.

Palavras-Chave: Abuso Sexual Infantil, Intergeracionalidade, Transmissão Intergeracional.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.06.00-0 – Psicologia Cognitiva

ABSTRACT

Child sexual abuse is one of the most re current forms of mistreatment, and a serious public health problem. The importance of family relationships in this theme is well established. Nevertheless, there is a lack in studies addressing the specific aspects that underlie the intergenerational transmission of abused children. In this context, the aim of the study was to investigate the intergenerational transmission of child sexual abuse. To this end, two studies, one empirical and other theoretical have been performed. The theoretical study provides a systematic review of the prevalence of intergenerational transmission of sexual abuse. Data on the increase of intergenerational transmission in different generations of family were found. The mean prevalence of intergenerational transmission of sexual abuse in generations was: 42.47% in the generation of grandparents, 41,28% in the generation of mothers and 51,0% in the generation of children. The empirical study, in turn, examined the relationship between the type of attachment and parenting style and its relation to the intergenerational transmission of child sexual abuse. For this a quantitative research with cross-sectional design with three different groups of girls and their mothers was conducted. The first group comprised girls who have suffered abuse; the second was composed by girls who suffered mistreatment and their mothers and the third included girls who displayed clinical symptoms and their mothers. The results did not confirm the intergenerational transmission of attachment types, or the parenting style across different generations. Similarly and different than expected, the abused girls no reported more insecure attachment or poor parenting style. However, tow significant predictors were found to agree with the model of intergenerational transmission of child sexual abuse: the type of maternal attachment and the fact that parents are separated.

Keywords: Child Sexual Abuse, Intergeracionality, Intergenerational Transmission.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Subárea conforme classificação CNPq: 7.07.06.00-0 – Psicologia Cognitiva

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
SUMÁRIO.....	7
APRESENTAÇÃO GERAL.....	8
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24

APRESENTAÇÃO

O presente estudo integra o projeto guarda-chuva “Protocolo de perícia para crianças com suspeita de abuso sexual”. Tal projeto maior é resultante de convênio realizado entre o Programa de Pós-Graduação em Psicologia PPGP-Faculdade de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS] e o Instituto-Geral de Perícias do Rio Grande do Sul (IGP-RS) e inclui três diferentes grupos de pesquisa do PPGP da PUCRS: o grupo “Cognição, Emoção e Comportamento”, coordenado pelo prof. Dr. Christian Haag Kristensen; o grupo “Neurociência Afetiva e Transgeracionalidade” coordenado pela prof.Dr. Adriane Xavier Arteche e o grupo “Neurociência Cognitiva do Comportamento” do prof. Dr. Rodrigo Grassi.

O objetivo principal do projeto guarda-chuva é construir e validar um protocolo para avaliação pericial de abuso sexual infantil. Para tanto, está prevista a realização de seis estudos empíricos. Esses estudos objetivam: validar instrumentos para avaliação de sintomas pós-traumáticos, cognições pós-traumáticas e comportamento sexual inadequado; construir um protocolo adequado para a perícia sexual; observar os marcadores neurobiológicos em indivíduos vítimas de abuso sexual.

Complementando os estudos acima mencionados, o presente estudo, teve como objetivo investigar a transmissão intergeracional do abuso sexual e sua relação com estilos parentais e tipos de apego entre díades filha-mãe, em três diferentes grupos: meninas que sofreram abuso sexual e suas mães; meninas que sofreram maus tratos e suas mães e meninas com sintomatologia clínica (e que não sofreram abuso sexual nem maus-tratos) e suas mães. O projeto guarda-chuva e o presente estudo foram aprovados pelo comitê de ética da PUCRS (ANEXO 1 e ANEXO 2).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 1999, p. 15) a definição de abuso sexual dá-se por:

“... todo envolvimento de uma criança em uma atividade sexual na qual não compreende completamente, já que não está preparada em termos de seu desenvolvimento. Não entendendo a situação, a criança, por conseguinte, torna-se incapaz de informar seu consentimento. São também aqueles atos que violam leis ou tabus sociais em uma determinada sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado pela atividade entre uma criança com um adulto ou entre uma criança com outra criança, que pela idade ou nível de desenvolvimento está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder com a criança abusada. Isso pode incluir, mas não é limitado a: indução ou coerção de uma criança para engajar-se em qualquer atividade sexual ilegal; práticas com caráter de exploração, como uso de crianças em prostituição, o uso de crianças em atividades e materiais pornográficos.”

O abuso sexual é considerado uma das formas mais comuns de maus tratos infantis (WHO, 2002). Um extenso estudo de meta análise realizado com 217 publicações, dentre os anos de 1980 a 2008 encontrou uma prevalência de 127/1000 em estudos de auto relato e 4/1000 em estudos informativos (Stoltenborgh, IJzendoorn, Euser, Bakermans-Kranenburg, 2011). No que se refere à diferença de gênero, os dados apontam uma prevalência que varia entre oito a 31% para as meninas e três para 17% nos meninos. Essas diferenças podem variar por questões metodológicas (Barth, Bermetz, Trelle, & Tonia, 2013). No Brasil, 29% das notificações do Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância (CRAMI) eram referentes a abuso sexual (Brito, Zanetta, Mendonça, Barison, & Andrade, 2005). No Rio Grande do Sul, em 2003, mais de 65% das notificações feitas de violência contra a criança eram referentes a abuso sexual (Pfeiffer & Salvagni, 2005).

Os fatores de risco para a vivência do abuso sexual são diversos e complexos, envolvendo vários aspectos sociais, econômicos, culturais e relacionais. Estudo realizado com meninas que sofreram abuso sexual encontrou que alguns desses fatores de risco podem ser: pertencer à classe social mais baixa, meninas com famílias com padrastos, a menina ter vivido longe da mãe por um tempo, a mãe ter menos educação que o pai, a mãe ser muito punitiva com comportamentos sexuais. Essa pesquisa encontrou que mais de 50% das meninas que tinham quatro ou mais desses fatores, sofreram de vitimização sexual (Finkelhor, 1980).

Ainda que uma série de fatores estejam relacionados à vivência do abuso sexual, os dados mostram que cerca de 71% a 85% do abuso sexual é intrafamiliar (Hébert, Daigneault, Collin-Vézina, & Cyr, 2007; Ferreira & Rocha, 2011; Trickett, Noll & Putnam, 2011). São diversos os fatores que podem estar relacionados ao aumento da prevalência do abuso sexual nas famílias. A literatura demonstra que o agressor muitas vezes é familiar da vítima. Em pesquisa realizada com meninas que foram sexualmente abusadas, em 70% dos casos o agressor era familiar da vítima, (Hébert, Collin-Vézina, Daigneault, Parent, & Tremblay, 2006). Em outra pesquisa, esse dado variou para 85% (Kim, Noll, Putnam, & Trickett, 2007). Além disso, já foi encontrada ligação entre relações familiares mais conflituosas e maior percepção de estresse em famílias em que o abuso sexual ocorreu (Kim, Noll, Putnam, & Trickett, 2007) além de mais violência familiar e problemas com álcool. Sendo assim, a literatura demonstra a importância dos aspectos familiares na vivência do abuso sexual.

A literatura também retrata relações com o histórico de abuso sexual das mães, demonstrando associações intergeracionais (Browne & Finkelhor, 1986; Faller, 1989; Leifer, Kilbane, Jacobsen, & Grossman, 2004; Maida et al., 2005; McCloskey & Bailey, 2000;

Oates, Tebbutt, Swanston, Lynch & O'Toole, 1998; Robboy & Anderson, 2004; Testa, Hoffman & Livingston, 2011).

A intergeracionalidade se refere à passagem de uma geração para outra em função da permanência de processos ocorridos no cotidiano das gerações (Falcke & Wagner, 2005). As pesquisas relatam a importância da transmissão intergeracional do abuso sexual. Entretanto, a literatura também indica a necessidade de mais pesquisas sobre as associações intergeracionais do abuso sexual infantil, visto os mecanismos dessa transmissão não serem bem compreendidos (Kim, Noll, Putnam, & Trickett, 2007).

Supõe-se que a transmissão intergeracional pode estar relacionada às próprias dificuldades maternas não satisfeitas (Glaser, 2000) ou questões mal resolvidas nas mães (Cole, Woogler, Power, & Smith, 1992). A literatura também sugere que a ruptura no modelo interno de apego pode ter importante associação com a transmissão intergeracional do abuso sexual (Kim, Noll, Putnam, & Trickett, 2007; Leifer et al., 2004). Segundo a teoria do apego, a criança tem em sua ontogênese a forte disposição de buscar proximidade com uma figura específica (Bowlby, 1969), sendo esse comportamento mais intensificado quando a criança está assustada ou cansada (Bowlby, 1984). Conforme os cuidadores vão atendendo a esses comportamentos emitidos pela criança, ao final de um ano de vida do bebê o apego é estabelecido. Assim, dependendo de como ocorreram às interações entre eles, o apego será de um tipo ou de outro.

Os tipos de apego, inicialmente descritos por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) são: i) apego seguro: onde as crianças se sentem confiantes para explorar o ambiente, bem como para buscar o conforto da mãe, a qual oferece o cuidado necessário à criança; ii) apego evitativo : em que as crianças tendem a evitar o contato com a mãe, às vezes tratando um estranho melhor do que a própria mãe; e iii) apego ambivalente: em que as crianças

alternam entre buscar proximidade com a mãe e resistir ao contato. Posteriormente, foi descrito por Main e Solomon (1986) o tipo de apego iv) desorganizado, no qual a criança muda entre buscar o contato com a mãe, evitar ou expressar raiva. Segundo Ainsworth (1989), a sensibilidade e a responsividade dos cuidadores com relação às demandas da criança são os fatores mais importantes para estabelecimento do apego seguro.

Algumas pesquisas sugerem que há ligação entre a transmissão intergeracional e o tipo de apego. Já foi demonstrado que mães com histórico de ASI tendem a serem classificadas com o tipo de apego inseguro (Crittenden, 1992; Lyons-Ruth & Block, 1996; Kim, Noll, Putnam, & Trickett, 2007). Leifer, Kilbane e Kallick (2004) encontraram que mães e filhas que sofreram abuso sexual infantil (ASI), apresentaram funcionamento mais prejudicado do que as mães do grupo controle, principalmente no que se refere aos seus relacionamentos de apego. A pesquisa de Kim, Trickett e Putnam (2010) observou que nas famílias em que o ASI se repetiu, o estilo atual de apego das mães foi encontrado como sendo o preditor mais forte de seus sintomas de ansiedade-traço. Tendo esse sido, por sua vez, proposto nesse estudo como um dos mecanismos da transmissão intergeracional do ASI. As dificuldades nas relações de apego também podem ser relacionadas com a tendência a escolher parceiros parecidos com o das mães, o que pode ter relação com a maneira com que essas mulheres aprenderam a se vincular e com seu tipo de apego (Leifer, Kilbane, & Grossman, 2001; Wiesel, 2006).

Além do apego, o estilo parental das mães das meninas abusadas, bem como as características maternas de mulheres que vivenciaram ASI também podem contribuir para a transmissão intergeracional dessa forma de mau trato. Mães que vivenciaram ASI podem sofrer de problemas psiquiátricos, ou interpessoais (Cross, 2001); ter visões mais negativas de si como mãe e fazer uso de mais estratégias de punição física (Banyard, 1997) o que pode

impedir que respondam adequadamente as necessidades das filhas, ou ofereçam os cuidados e apoio necessários (Alexander, Teti, & Anderson, 2000; Pazdera, McWey, Mullis, & Carbonell, 2012; Sachs-Ericsson et al., 2012; Shuetze & Eiden, 2005), denotando assim um estilo parental deficitário. As mulheres que sofreram ASI, além de poderem ter dificuldade de se vincular adequadamente com seus filhos, também podem ser mais permissivas como mães, e mais tendentes a usar de punição física severa (Dililo & Damashek, 2003). Essas características podem ilustrar um estilo parental negligente ou autoritário, visto serem pouco sensíveis com as demandas das crianças e não oferecer uma educação baseada em limites adequados. Além disso, por não oferecerem uma educação baseada em conversa, esclarecimento e limites saudáveis podem vulnerabilizar seus filhos para diversas dificuldades, dentre elas o ASI.

As filhas de mães que sofreram ASI podem falhar em internalizar pistas de perigo, pela dificuldade da mãe em construir uma vinculação segura com a filha, bem como por serem tratadas com hostilidade (Schechter, Brunelli, Cunningham, Brown, & Baca, 2002). Essas mães podem favorecer a construção de um tipo de apego desorganizado com suas filhas, e por sua vez, essas filhas podem falhar em checar a aproximação com estranhos, ou serem demasiadamente amigáveis com eles, o que pode colocá-las em perigo potencial (Boris & Zeanah, 1999).

Sendo assim, considerando os mecanismos possíveis da transmissão intergeracional do abuso sexual, observa-se que as dificuldades apresentadas nos tipos de apego e estilos parentais das mães podem vulnerabilizar a sua prole, especialmente quando já houve a vivência de ASI na geração da mãe. O abuso sexual, por si só, já traz marcas importantes que podem fazer com que as mães tenham mais dificuldade de se vincular adequadamente com suas filhas, o que pode levar a um ciclo de exposição a situações de risco.

Além disso, a identificação dos tipos de apego e estilo parental de meninas abusadas possibilita que se possam realizar intervenções preventivas de atenção primária com as mães abusadas e (ou) com seus filhos, bem como intervenções psicoeducativas na díade mãe-filho, para que se possa minimizar o risco de transmissão intergeracional do abuso sexual. Essas ações preventivas contra violência sexual propiciam também o fortalecimento da autodefesa das vítimas, ou podem servir de fator protetivo para futuras vítimas (Fujiwara & Fávero, 2011). Destaca-se que, quando se verificam os fatores de risco, os fatores preventivos podem ser incluídos (Dixon, Browne, & Hamilton-Giachritsis, 2005).

Dessa forma, o presente estudo se utiliza da perspectiva da teoria do apego (Bowlby, 1969; 1973), dos estilos parentais (Baumrind, 1971; Maccoby & Martin (1983) e da transmissão intergeracional do abuso sexual (Leifer, Kilbane, Jacobsen, Grossman, 2004; Noll, Trickett, Harris, & Putnam, 2008; Testa, Hoffman, & Livingston, 2011). Apesar da importância da transmissão intergeracional do abuso sexual infantil, os estudos já publicados trazem problemas metodológicos e falta esclarecimento sobre quais são de fato as relações que se estabelecem com o histórico de abuso sexual das mães e as questões vinculares das díades. Além disso, apesar dos estudos de Lima e Alberto (2010) sobre as vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar, dos estudos de Araújo (2002) sobre o abuso sexual intrafamiliar e do estudo de Santos e Dellágio (2005) sobre multigeracionalidade do abuso sexual, faltam estudos nacionais que retratem a temática da transmissão intergeracional do abuso sexual. Portanto, encontra-se a necessidade de se observar de que maneira os tipos de apego e estilos parentais influenciam na transmissão intergeracional do abuso sexual.

Tendo isto em vista, o estudo empírico teve como objetivo principal:

Investigar a prevalência do abuso sexual em mães de meninas com e sem vivência de abuso sexual e a transmissão intergeracional dos tipos de apego e estilos parentais nas díades mãe-filha de meninas com ASI e nos demais grupos (maus tratos) e sintomas clínicos.

Como objetivos específicos pretendeu-se: a) investigar a prevalência de abuso sexual em mães de meninas com a vivência de ASI e nos demais grupos (maus tratos e sintomas clínicos); b) investigar a frequência de cada estilo parental nas díades mãe-filha nos diferentes grupos: meninas que vivenciaram ASI e suas mães; meninas que sofreram maus tratos e suas mães e meninas com sintomas clínicos e suas mães; c) investigar a frequência de cada tipo de apego nas díades mãe-filha nos três diferentes grupos; e d) investigar se os padrões de apego e estilos parentais observados entre mães e filhas são os mesmos daqueles observados entre as mães e suas próprias mães (avós) de meninas nos três diferentes grupos e investigar apego, estilos parentais e vivência de abuso sexual pela progenitora como preditores para a vivência de abuso sexual em meninas. A fim de atingir os objetivos propostos foram realizados dois estudos.

O primeiro estudo da dissertação trata-se de uma revisão sistemática sobre a prevalência da transmissão intergeracional do abuso sexual infantil. Esse estudo teve o objetivo de revisar de forma sistemática artigos científicos que tragam dados empíricos sobre a transmissão intergeracional do abuso sexual em mães e (ou) avós e (ou) crianças da mesma família. A busca foi realizada entre os meses de março a junho de 2013 e foram pesquisadas quatro bases de dados: Psycinfo; PUBMED; Web of Science e Scopus. Foram incluídos artigos publicados entre janeiro/2003 e junho/ 2013 em idioma português, espanhol ou inglês. A compilação e a escolha dos artigos foram realizadas por duas avaliadoras cegas e uma terceira juíza foi consultada para consenso. Os critérios de inclusão foram: a) estudos empíricos ou epidemiológicos; b) apresentação de dados empíricos sobre a

transmissão intergeracional do abuso sexual e c) apresentar dados específicos sobre amostras de mães e(ou) avós e(ou) filhos. Dos 661 abstracts encontrados, 13 artigos preencheram os critérios de inclusão. No entanto, dois estudos repetiram os dados, sendo provenientes da mesma amostra. A média da prevalência da transmissão intergeracional do abuso sexual nas gerações foi de: 42,47% na geração das avós (G1); 41,28% na geração das mães (G2) e 51,0% na geração das crianças (G3).

O segundo estudo da dissertação compreendeu uma investigação empírica realizada com 43 díades mães-filha coletadas por conveniência e divididas em três grupos: grupo clínico do ASI ($n=17$); grupo dos maus tratos ($n=12$) e grupo dos sintomas clínicos ($n=14$). Fizeram parte do grupo de ASI, meninas com idade entre sete e 18 anos, com confirmação de abuso sexual infantil por perícia física e/ou laudo psicológico de perito. Para o grupo dos maus tratos foram selecionadas meninas da mesma faixa etária sem suspeita ou confirmação de abuso sexual e que sofreram maus tratos. No grupo dos sintomas clínicos foram incluídas as meninas que apresentaram sintomas clínicos psicológicos por triagem psicológica e suas mães. Foram excluídas da amostra meninas que apresentaram retardo mental. A realização da coleta ocorreu dentre os meses de janeiro a setembro de 2013.

A média de idade das meninas foi de 10 anos no total da amostra ($M=10,60$; $DP=2,19$); sendo a maioria (92,9%) de escola pública. A condição econômica da amostra variou, sendo que 38,1% das díades referiram renda até R\$1000,00; 35,7% entre R\$1000,00- R\$2000,00 e 26,2% renda > R\$2000,00. A idade média das mães foi $M=36,50$ ($DP=7,19$). Sobre a escolaridade das mães 53,7% tinham somente ensino fundamental; 31,7% ensino médio e 14,6% ensino superior. Sobre a situação conjugal dos pais, 66,7% dos pais eram separados.

Os resultados obtidos indicaram que as mães das meninas do grupo de abuso sexual não apresentaram maior prevalência de abuso sexual elas próprias do que as mães dos demais grupos: 5 (29,5%) das mães do grupo das meninas abusadas (ASI); 3 (27,3%) das mães do grupo de maus tratos (M.T) e 6 (46,2%) das mães do grupo de sintomas clínicos (S.C) sofreram ASI.

As meninas que foram sexualmente abusadas também não relataram maior percepção de estilo parental deficitário, nem descreveram mais quantidade de tipo de apego inseguro quando comparada as meninas dos demais grupos. No grupo ASI: 12 (70,6%) reportaram apego seguro e 5 (29,4%) apego inseguro. No grupo M.T: 7 (63,6%) relataram apego seguro e 4 (36,4%) apego inseguro. No grupo S.C: 9 (69,2%) reportaram apego seguro e 4 (30,8%) inseguro.

Quanto aos estilos parentais, no grupo ASI: 7 (41,2%) reportou estilo saudável e 10 (58,8%) estilo deficitário. No grupo M.T: 3 (29,0%) classificou estilo saudável e 9 (75,1%) estilo deficitário. No grupo SC: 5 (38,5%) estilo saudável e 14 (57%) estilo deficitário. Um dos fatores associados a tais resultados pode ter se relacionado a um viés da amostra. Essas mães levaram as suas filhas ao IGP para avaliação, o que já demonstra que são mais protetivas e cuidadosas com as suas filhas do que mães que não denunciam o abuso sexual das filhas.

Em relação ao padrão transgeracional de apego e estilos parentais, também não foram observadas diferenças entre os grupos, sendo que o padrão de apego inseguro e o padrão de estilo deficitário foi equivalente em díades cujas meninas foram abusadas, díades cujas meninas sofreram maus tratos e díades cujas meninas apresentaram sintomatologia clínica. No grupo ASI: 29,4% reportam estilo deficitário; grupo M.T: (50%) reportam estilo deficitário; grupo S.C: 38,5% reportam estilo deficitário. Quanto ao tipo de apego, no grupo

ASI: 17,3% das gerações reportaram apego inseguro; no grupo M.T 10% reportaram apego inseguro e no grupo S.C 7,7% reportaram apego inseguro.

Quando foram investigados os preditores de abuso sexual infantil, incluindo variáveis demográficas, abuso sexual da progenitora e os padrões de apego e estilos parentais, o apego da mãe com a sua própria mãe foi um preditor significativo. Filhas cujas mães reportaram um apego inseguro com suas próprias mães tem 1,18% mais chance de serem vítimas de abuso sexual. Outra variável significativamente preditora de abuso sexual foi o fato dos pais serem separados. Esse fato pode ter relação com a configuração familiar que costuma se alterar após a denúncia do abuso sexual ou ainda, com uma estrutura familiar menos protetiva.

A pesquisa sugere a necessidade de estudos longitudinais a serem realizados em famílias em que o abuso sexual ocorreu a fim de se verificar como ocorrem os mecanismos associados à transmissão intergeracional nessa forma de abuso. Um fator limitante da pesquisa foi o pequeno tamanho da amostra e também a utilização de instrumentos de auto relato. Dessa forma, observou-se a necessidade de pesquisas posteriores a serem realizadas em ambos os gêneros de crianças abusadas e que incluam também os pais e (ou) outros cuidadores principais. O estudo também contribui para uma temática que se encontra em defasagem, especialmente no campo nacional.

Destaca-se ainda a similaridade entre os padrões relacionais observados em meninas que sofreram abuso sexual e meninas que sofreram maus tratos sugerindo que estratégias de prevenção que incluam ações direcionadas aos aspectos vinculares devem enfatizar não apenas o abuso sexual, mas sim vítimas e crianças/adolescentes em risco para demais situações de maus tratos infantis.

Referências

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *Am Psychol*, *44*(4), 709-716.
- Alexander, P. C., Teti, L., & Anderson, C. L. (2000). Childhood sexual abuse history and role reversal in parenting. *Child Abuse Negl*, *24*(6), 829-838.
- Banyard, V. L. (1997). The impact of childhood sexual abuse and family functioning on four dimensions of women's later parenting. *Child Abuse Negl*, *21*(11), 1095-1107. doi: 10.1016/S0145-2134(97)00068-9

- Barth, J., Bermetz, L., Heim, E., Trelle, S., & Tonia, T. (2013). The current prevalence of child sexual abuse worldwide: a systematic review and meta-analysis. *Int J Public Health*, 58(3), 469-483. doi: 10.1007/s00038-012-0426-1
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.2), 1-103. doi: 10.1037/h0030372
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss v. 3* (Vol. 1). Random House.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol. 2: Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1984). *Violence in the family as a disorder of the attachment and caregiving systems*. Association for the Advancement of Psychoanalysis.
- Browne, A., & Finkelhor, D. (1986). Impact of child sexual abuse: A review of the research. *Psychological bulletin*, 99(1), 66.
- Cross, W. (2001). A Personal History of Childhood Sexual Abuse: Parenting Patterns and Problems. *Clin Child Psychol Psychiatry*, 6(4), 563-574. doi: 10.1177/1359104501006004010
- Dixon, L., Hamilton-Giachritsis, C., & Browne, K. (2005). Attributions and behaviours of parents abused as children: a mediational analysis of the intergenerational continuity of child maltreatment (Part II). *J Child Psychol Psychiatry*, 46(1), 58-68. doi: 10.1111/j.1469-7610.2004.00340.x
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar eo fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Ed.), *Como se perpetua a família* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Faller, K. C. (1989). Why sexual abuse? An exploration of the intergenerational hypothesis. *Child Abuse Negl*, 13(4), 543-548.

- Ferreira, M. H. M., & Rocha, V. (2011). Normalidade e Desvios do Comportamento Vincular Materno. In A. M. H. M. Ferreira (Ed.), *Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes* Porto Alegre: Artmed.
- Finkelhor, D. (1980). Risk factors in the sexual victimization of children. *Child Abuse & Neglect*, 4(4), 265-273.
- Hébert, M., Collin-Vezina, D., Daigneault, I., Parent, N., & Tremblay, C. (2006). Factors linked to outcomes in sexually abused girls: a regression tree analysis. *Compr Psychiatry*, 47(6), 443-455. doi: 10.1016/j.comppsy.2006.02.008
- Hébert, M., Daigneault, I., Collin-Vézina, D., & Cyr, M. (2007). Factors linked to distress in mothers of children disclosing sexual abuse. *The Journal of nervous and mental disease*, 195(10), 805-811.
- Kim, K., Noll, J. G., Putnam, F. W., & Trickett, P. K. (2007). Psychosocial characteristics of nonoffending mothers of sexually abused girls: findings from a prospective, multigenerational study. *Child Maltreat*, 12(4), 338-351. doi: 10.1177/1077559507305997
- Leifer, M., Kilbane, T., Jacobsen, T., & Grossman, G. (2004). A three-generational study of transmission of risk for sexual abuse. *J Clin Child Adolesc Psychol*, 33(4), 662-672. doi: 10.1207/s15374424jccp3304_2
- Leifer, M., Kilbane, T., & Kallick, S. (2004). Vulnerability or resilience to intergenerational sexual abuse: the role of maternal factors. *Child Maltreat*, 9(1), 78-91. doi: 10.1177/1077559503261181
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In I. P. H. M. E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child*

- psychology: Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Maida, A. M. S., Molina, M. E. P., Basualto, C. R., Bahamondes, C. P., Leonvendagar, X. B., & Abarca, C. C. (2005). La experiencia de abuso en las madres: ¿Es un predictor de abuso sexual de sus hijos? . *Revista Chilena de Pediatría*, *76*(1), 41-47.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure-disorganized/disoriented attachment pattern.
- McCloskey, L. A., & Bailey, J. A. (2000). The intergenerational transmission of risk for Child Sexual Abuse. *J Interpers Violence*, *15*, 1019-1035 doi: 10.1177/088626000015010001
- Noll, J. G., Horowitz, L. A., Bonanno, G. A., Trickett, P. K., & Putnam, F. W. (2003). Revictimization and self-harm in females who experienced childhood sexual abuse: results from a prospective study. In *J Interpers Violence*, *18*(12), 1452-1471. doi: 10.1177/0886260503258035
- Noll, J. G., Trickett, P. K., Harris, W. W., & Putnam, F. W. (2009). The cumulative burden borne by offspring whose mothers were sexually abused as children: descriptive results from a multigenerational study. *J Interpers Violence*, *24*(3), 424-449. doi: 10.1177/0886260508317194
- Oates, R. K., Tebbutt, J., Swanston, H., Lynch, D. L., & O'Toole, B. I. (1998). Prior childhood sexual abuse in mothers of sexually abused children. *Child Abuse Negl*, *22*(11), 1113-1118.
- Pazdera, A. L., McWey, L. M., Mullis, A., & Carbonell, J. (2012). Child Sexual Abuse and the Superfluous Association with Negative Parenting Outcomes: The Role of

- Symptoms as Predictors. *Journal of Marital and Family Therapy*, 39(1), 98-111. doi: 10.1111/j.1752-0606.2011.00272.x
- Pfeiffer, L., & Salvagni, E. P. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 197-204.
- Robboy, J., & Anderson, K. G. (2011). Intergenerational child abuse and coping. *J Interpers Violence*, 26(17), 3526-3541. doi: 10.1177/0886260511403758
- Schuetze, P., & Eiden, R. D. (2005). The relationship between sexual abuse during childhood and parenting outcomes: modeling direct and indirect pathways. *Child Abuse Negl*, 29(6), 645-659. doi: 10.1016/j.chiabu.2004.11.004
- Stoltenborgh, M., van IJzendoorn, M. H., Euser, E. M., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2011). A global perspective on child sexual abuse: Meta-analysis of prevalence around the world. *Child Maltreatment*, 16(2), 79-101.
- Testa, M., Hoffman, J. H., & Livingston, J. A. (2011). Intergenerational transmission of sexual victimization vulnerability as mediated via parenting. *Child Abuse Negl*, 35(5), 363-371. doi: 10.1016/j.chiabu.2011.01.010
- Trickett, P. K., Noll, J. G., & Putnam, F. W. (2011). The impact of sexual abuse on female development: lessons from a multigenerational, longitudinal research study. *Dev Psychopathol*, 23(2), 453-476. doi: 10.1017/S0954579411000174
- Zanetta, D. M. T., Brito, A. M. M., Andrade, V. A., Rita de Cássia, V. M., & Barison, S. Z. (2005). Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 143-149.
- WHO (1999). Report of the Consultation on Child Abuse Prevention. Geneva: World Health Organization.
- WHO (2002). World report on violence and health. Geneva: World Health Organizatio

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abuso sexual infantil é um dos principais problemas em saúde pública. Sua temática é envolvida por uma série de fatores. Os dados demonstram uma ampla relação dessa forma de abuso com a família da vítima, tendo em vista muitas vezes o abuso ser cometido por um familiar ou conhecido da vítima. Além disso, algumas pesquisas demonstram que o abuso pode se repetir em várias gerações da mesma família, corroborando a perspectiva da transgeracionalidade. Entretanto, faltam pesquisas esclarecendo de que maneira essa transmissão intergeracional ocorre.

Tendo isto em vista, a presente dissertação buscou esclarecer aspectos relacionados à transmissão intergeracional do abuso sexual infantil. Para tanto, a dissertação foi dividida em duas partes: uma teórica e outra empírica. O estudo I realizou uma revisão sistemática acerca da prevalência da transmissão intergeracional do abuso sexual infantil. Foi encontrado maior prevalência do abuso sexual infantil em gerações em que essa forma de mau trato se repete. O aumento da prevalência do abuso nas gerações em que o ASI se repete, deu-se em torno de 50%, quando comparado às famílias em que o abuso não se repetiu.

O estudo II investigou a transmissão intergeracional do abuso sexual e a sua relação com os tipos de apego e estilos parentais, em díades filha-mãe. A transgeracionalidade dos tipos de apego e estilos parentais não foi confirmada. Entretanto, mesmo ambos os grupos serem prejudicados, duas variáveis concordaram com o modelo da transmissão intergeracional do abuso sexual infantil: o tipo de apego materno e o fato dos pais serem separados.

Dessa forma, a presente pesquisa contribui com achados para uma temática que necessita de maiores investigações e se encontra em defasagem, especialmente no campo nacional. Para futuros estudos sugere-se que sejam realizados estudos de meta análise sobre a prevalência do ASI. Além disso, indica-se a importância de se investigar a transgeracionalidade do ASI e outros fatores associados. Também se recomenda que estudos posteriores sobre essa temática sejam realizados com ambos os pais e também com meninos. Além disso, a pesquisa confirma a importância das relações familiares na vivência não somente do abuso sexual infantil, mas também nas outras formas de maus tratos infantis. Do mesmo modo, também aponta a necessidade de que intervenções preventivas primárias e secundárias sejam realizadas.

